

A POESIA DE MANOEL WALTER

Prof. Ir. Elvo Clemente
PUCRS

Aproximo-me com veneração dessas páginas amarelcidas pelo tempo em que um poeta escreveu os versos em hora de incertezas, de saudades e de amor. Mãos amorosas da companheira dos últimos dez anos (1974-1984) dispuseram com simetria datilográfica dando nova vida às amarelas folhas que o tempo juntou no livro *Canções do Tempo Menino*.

Poemas inéditos deixados no sono amargo do esquecimento, no peso do pó do tempo e da desmemória...

Tomo nas mãos estas folhas, leio-as com os olhos do coração e com a intuição do sentimento.

É sempre grato e ao mesmo tempo pungente reavivar velhas e caras lembranças do amigo que deixou a vida terrena em 1984...

Canções do Tempo Menino constituem um todo homogêneo no constante ritornello sobre o tema da infância. Retorno à meninice, retorno às que-las paragens de fantasia onde vivem os sonhos nas imagens que se renovam em cada geração.

A temática de CTM é a infância com os brinquedos, com os sonhos, com as ilusões, tudo naquele mundo encantado em contraste com o menino triste, com a orfandade, com a morte. Despertar para a vida, despertar para tudo o que é belo e de repente confrontar-se com o fim de tudo com o evol-
lar-se para o céu... No "Diálogo azul" descobre a tristeza e a surpresa deses-
perada:

*"Os olhinhos espanto
não enxergaram o motivo
-- Onde está o maninho." (p. 18)*

O poeta se autodefine num poema breve de ritmo variado, imitando o passo rápido do "Andante":

*"Juntei minhas lembranças velhas
numa trouxa enorme
e saí pelo mundo
a brincar de infância." (p. 22)*

Os poemas são peças desses brincar de infância. O mundo do fazer-de-conta abre a primeira página e não se fecha com a "Última Canção do Tempo Menino", onde define:

*"A infância é como gato
fica presa nas paredes
fica presa nos quintais*

O contraste: a alegria e a tristeza; o canto lindo de "Ciranda cirandinha" entra em choque com a mudez do menino portal de rua; mãos encravadas no rosto -- Outras crianças brincando. O poema "Portal" que recebe o leitor ao abrir a primeira página de "Canções do Tempo Menino".

As metáforas se sucedem no fluir dos dias de tristeza:

*"Vozes infantis
escorrem pela rua
do menino triste". (p. 6)*

Conclui o poema num dístico sentido e carregado de desesperança:

*"Menino portal de rua
com gestos tão desgraçados". (p. 6)*

Embebida num ambiente de ternura aparece a imagem sonhada de Therezinha em:

*"Pedacos de memória sem sentido
Em nuvens tão engraçadas
Desenham faces fantasmas
Therezinha toda tranças
(tranças de luz que rolavam...)" (p. 5)*

A poesia se esgarça por entre os versos e as fantasias e as recordações da meninice, nos "dedos longos de ternura".

Diante dele está o enigma não aquele da velha Grécia, ou senão aquele mesmo que vem desafiando cada geração que vai passando de olhos abertos diante da esfinge que é a vida de cada um. O poeta se interroga e nos interroga:

*"O verdadeiro caminho
foi como a fada na infância...
ou não foi?" (p. 21)*

A bela maneira de definir o impossível é linear e poética:

*"A verdadeira poesia
está na junção das linhas paralelas".*

Em vão anda em busca de novo caminho, a vida caminha, leva tudo adiante e o enigma nada de ser vencido, torna-se inalcançável, na aspereza de sua figura, na dureza do semblante:

Em "Diálogo Azul" novamente encontra-se a presença da morte, na pergunta pungente:

"Onde está o maninho?" (p. 21)

A dor materna está desenhada com traços suaves e ao mesmo tempo graves e sombrios. Os versos e sua forma irregular sugerem movimento dentro do quadro estático:

*"A cabeça oscila de cansaço morno
e a mão trêmula tasteando, indecisa
acaricia os cabelos loiros
leventene
sem forças
sem coragem
numa ausência incolor". (p. 19)*

Em "Poema em surdina" aparece a imagem de alguém que sentiu e viu morrer o menino dentro de si, a infância já não existe, a vida é áspera e contraditória:

*"Um menino está morto
um menino morreu
irremediavelmente" (p. 14)*

Em "Lembrança de Sant'Anna da Serra" faz o jogo da alegria com a tristeza, vencendo a tristeza:

*"Mas
eu não tive com quem repartir esta alegria
tornei a ficar triste
Não tive com quem
dividir minha
tristeza..." (p. 13)*

"Ritornello" é um poema soberbo carregado de hipérboles e atrevidas metáforas nos temas dos singelos brinquedos infantis. Leiam-se apenas alguns decassílabos:

*"Um amazonas nasce na sarjeta
e os barcos de papel que vêm de Sagres
levam meus sonhos para o samidouro
Surja um Camões e cante estas barcaças
Nau de poetas feita de lembranças..." (p. 12)*

O poema longo e profundo sob a denominação de "Ritornello" repete o tema que ocupa o poeta, que leva o poeta a mergulhar e emergir das águas dos primeiros tempos, no início do seu mundo de criança. Há imensa ternura ao descrever aquela imagem de encantamento e beleza:

*"E a bailarina que voava em gazas
voava tanto, branca, brancas asas
Num chamado de nuvens e ternura..." (p. 11)*

*E conclui triste e desesperadamente:
"Há uma criança morta no meu canto
que dança no meu gesto bailarino" (p. 11)*

"Poema do gerúndio" vai simulando um mundo que se sucede no ritmo repetitivo de anáforas, como se fossem batidas ritmadas da saudade de outros tempos, de outras pessoas, de outros amores:

*"Dentro da noite eu fico absorto
Dentro da noite eu falo com mortos
Dentro da noite recrio lembranças". (p. 10)*

Por mais que as vicissitudes de amor e paixão tenham alterado a infância na passagem para a consciência de moço, ele sempre ama o tempo menino, mesmo quando se enfrenta e se desafia a "Roleta mágica", numa recordação de pouca ternura:

*"Eu me recordo de ti, Marília,
Como lembro na saudade
da minha roleta mágica..." (p. 15)*

Como é belo o poema "O Menino" tema central de todo o livro, na bela imagem do menino soltando pandorga:

*"A pandorga é azul
e os olhos do menino
(que são verdes)
Estão azuis
de tanto amor
Os dois azuis se completam
no meio do mundo
definitivamente!" (p. 9)*

Canções do Tempo Menino é um livro de quinze poemas, de variado estilo com novas maneiras de jogar os versos. O suceder das metáforas, os ritmos variados, a ausência de pontuação exigem do leitor rara sensibilidade para perceber a riqueza de poesia que se expande em "trancinhas cor de mel" por onde "navegam os meus passos andarilhos".

A obra idealizada por Manoel Walter e organizada pela companheira Márcia Holmer tem dois livros distintos na forma e principalmente na temática: **Canções do Tempo Menino** e **Poemas da Rua Mundo**, do Grupo Quixote.

O primeiro tem o gosto da infância, amargo, de olhos abertos para a vida madrastra, solitário e desesperançado; o segundo é o sabor, o travo da vida adulta de suor, de lágrimas e contradições para vivenciar o choque brutal de uma existência sem sentido. O verso final da obra que resume a ironia, o non sense assim se escreve:

"Então começo a rir e me estrangulo". (Poema da Anunciação, p. 51)

Os vinte **Poemas da Rua Mundo** se agitam, se retorcem nas páginas pungentes do ceticismo com alguns lampejos de luz e de pálida esperança. Admirável é o poema "Jesus", repleto de singeleza e suave poesia. A estrofe inicial parece o eco das histórias de criança:

*"Era uma vez um homem que fez versos
e de tanto fazer versos virou música
Vinha de aurora caminhando
a compor nos caminhos sinfonias
com seus passos que marcavam na areia
digitais de ternura concentrada". (p. 47)*

Ao ler as cadenciadas sílabas ressoa em nossos ouvidos a palavra das multidões da Galiléia: "Ele passou fazendo o Bem..."

Há uma exaltação ao Divino Poeta em que o homem, com atitudes de cético, fica fascinado pelo encanto intuído sem as luzes amortecidas do razão:

*"Tu eras verso, exata poesia, embora
apareças em meus sonhos diferente
pomba ferida ao levantar voo
sem tecitura, quase seta ou lágrima
quase noite também e sempre aurora" (p. 47)*

Após a visão de amor e lirismo aparece o poema mais sintético "Mãe" em quatro versos entrecortados e carregados mais de sentimento que de poesia:

*"Toda beleza do mundo
é inconseqüente
Diante de tanta ternura
concentrada" (p. 46)*

Outro poema delicioso profundamente lírico em que a repetição mais e mais aprofunda a beleza do sentir e a musicalidade da mensagem na ofe-

renda de "Rosas":

*"Envio-te rosas
Rosas brancas
sonhos mortos"*

Passados os vendavais da existência, as derrotas de fúteis caminhos,
nas urzes e amarguras do

*"Perdido tempo
E
eu nunca mais te enviarei
Rosas brancas
Muito brancas
De uma brancura infinita". (p. 45)*

Vai-se acentuando o clima da desventura, da crueza da existência da
"menina simplesmente saia e blusa" e do pássaro do poema de "Mãos inúteis".
É trágico, é lírico, no entrechoque de sentimentos e de imagens, ricas de
metáforas:

*"Vozes vindas de longe
amanheciam no vento
Estrela de madreperola
Transformou-se em catarata". (p. 43)*

É grandiosa a expressão da metamorfose que funde o sublime e o grotesco:

*"Silhueta contra as pedras
de onde rosas brotaram
Ahramamento no asfalto". (p. 43)*

As "Mãos inúteis" se fecham em quatro versos, relembrando pássaros
e o ceifar de promissora existência:

*"Ainda ouvi um murmúrio
Como o bater de asas mortas
-- A menina que amei
Morreu no poema..." (p. 43 e 44)*

O poeta de *Poemas da Rua Mundo* tem a força do oleiro que amassa
e aprimora a argila do dia-a-dia transformando-a em sua imagem de contra-
dições e desencantos do absurdo:

*"E o absurdo
mediu
parou
inventou"*

Pois acontecera o prodígio do Gênesis do ato criador na solenidade
da porta que se abre sobre a infinitude:

*"O cosmos rasgou a nebulosa
Desagregando infinitos..." (p. 26)*

Em seu "Brinquedo Proibido" passam os dias da criação, parodiando
as páginas bíblicas.

Vai amalgamando o divino, o humano e o angelical com a lenda de
Prometeu, história do homem que quis ser igual a Deus, roubando o fogo da
Divindade:

*"E o Deus-origem
Deus-justiça
Deus-perfeição
Apagou-o na distância
Para o ventre das montanhas". (p. 27)*

Num verso solitário proclama:

"Todo poeta é o inferno!" (p. 27)

O longo poema vai perpassando as fases do Universo e a ventura da
raça humana sobre a terra na ânsia de vencer o tempo e conquistar a eter-
nidade:

*"Eu vivo mitologia
Não porque seja verdade
A verdade é só verdade
enquanto não se desmente
o tempo desmente tudo!" (p. 28)*

Nesse peregrinar cansado e exausto encontra a figura meiga e fantás-
tica de São Francisco de Assis, rompe com as regras da sintaxe e da prosódia
para cantar a visão do Poverello:

*"Chama-de-inferno nos olhos
E tão presente de Deus
Irmão rio que vai cantando
Irmãos pássaros rezando
columbas feitas de nuvens
árvores ramos carícias
Eu sempre amei os lunáticos
e respeitei os fanáticos
por serem fé na loucura..." (p. 28)*

E no fecho do grande poema a estrofe contraditória, metáfora de uma
vida assim se expressa:

*"E um homem perante o mundo
Era trágico e ridículo
A poesia escorrendo
por entre os dedos angústia
Havia ludus de gênese
E uma lembrança sem cor
A morte vem no amanhã" (p. 29)*

A carga sentimental e trágica vai-se engrossando, vai-se adensando sobre os ombros fracos do caminhante condenado a caminhar sem deixar "Rastro".

"Toda a noite é um convite ao suicídio". (p. 30)

Verso solitário e fatídico que vem explicitado na última estrofe:

*"E chega a noite, a irremediável noite...
então, caminho entre a rua e a consciência
retorno ao poema; vivo o poema; transfiguro-me
nas entranhas sangrentas do poema..." (p. 30)*

"Luz e sombra" marcam a trajetória do poeta mais treva que luz, mais tristeza e dúvida que alegria e certeza... Vai caminhando por entre angústias e sofismas como conclui na estrofe:

*"E dos meus pés sem bússola
E de minha sombra enorme
Que a luz do poste tenta encompridar
Nascem as canções desesperadas..." (p. 31)*

A idéia fixa do suicídio o acompanha, na existência boêmia e jogada ao léu da desventura e das peripécias das águas do viver:

*"Rio -- enigma que tinha
enigma que vence
suicida se lança
nas águas verdes
profundas
e
enigmáticas". (p. 33)*

A metáfora da existência que se vai esvaindo na corrente caudalosa em direção da eternidade, conclui no verso solitário, solene e desventurado:

"Rio -- gesto angustiado em direção do mar" (p. 33)

Em "A relação do Naufrágio" faz a sua profissão de fé nos dogmas existencialistas do absurdo e da contradição, sísifo condenado por sua luz e

por sua vontade de esperar, no último terceto do soneto exemplar:

*"Caminho pela noite -- ser maldito
ante a liberação premeditada
que sabes impossível -- mas resistes". (p. 34)*

No fechar-se sobre si mesmo e sobre a própria existência, o homem não tem amor, aberto aos outros, enclausura-se na "Louvação do amor", na expressão egoísta dos dois versos finais e solitários:

*"Não povoaremos o mundo!
Apenas nós dois, na entrega total". (p. 35)*

Tudo o que se vive, onde se vive, como se vive, não passa de um "Círculo". Belo e suave poema entre os outros tão carregados de angústia, dor e desesperança. "O círculo" rítmico, em que o "corpo flexível" representa as faces da existência:

*"mas o círculo é resistível
o círculo é de lona
o mundo é de lona
E o espetáculo continua" (p. 36)*

Enternecedora é a história narrada no poema "O limpador de vidros". O contraste do trágico e do cômico sempre acompanha a imaginação e a expressão do poeta. Após a infausta queda do limpador de vidros:

*"Suor e sangue
junto da calçada*

*os vidros limpos
de cara limpa
se riem da rua" (p. 34)*

"Noite" é o poema da triste vida do alcoólatra, das horas passadas no bar sorvendo a água ardente que o leva ao extermínio de si. O realismo forte da descrição do desgraçado merece ser apresentado na mobilidade rítmica da estrofe:

*"náusea vermelha
e os olhos vidrados
e a morte descendo
queimando
arranhando
...a garganta*

*E no outro dia
em outro bar
recomeça a canção repetida" (p. 38)*

Difícilmente o pintor traz nos versos tanta força, imagens quase tocáveis do vício e da miséria humana.

"A nova canção" em que o poeta chama aos que buscam a felicidade para as agruras da existência:

*"Venham todos sem exceção
Hoje há festa em minha morada*

*Tenho cântaros de bálsamo
para vossas feridas..." (p. 39)*

O término da canção é fatídico, é desesperador, nega toda a esperança, trunca toda a caminhada das promessas alviçareiras:

*"Um homem foi preso como doido
e a canção morreu no amanhecer..." (p. 40)*

Tudo vai crescendo, tudo vai-se acumulando no infortúnio final da "Balada Desespero". O início com reticências se abre no verso dolorido do desespero:

*"...E ando tão desesperançado
Tão perdidamente só,
Acreditar em quê?"*

Percebe a voz amiga, as palavras ternas nada o demove -- "Mas eu preciso andar". E a viagem de nunca mais voltar, o desespero o impele para o desconhecido para além do averno, para além de tudo, na estrofe de três versos:

*"Mas nunca compreenderão
Eu preciso andar...andar...
Ir na viagem, ir! ir!" (p. 41)*

Na conclusão do poema sente-se o paradoxismo do desespero, no inevitável absurdo do viver.

Não há como retroceder, a fatalidade do destino de Ashaverus não permite parar, não permite esperar, não permite respirar auras de ternura e de amor.

*"Hão de compreender
Eu preciso andar
andar desesperadamente
ser simplesmente passos
Tragicamente passos
irreverentemente passos
Então serei feliz.
Feliz quem sabe..." (p. 42)*

Poemas da Rua Mundo e Canções do Tempo Menino expressam para sempre a alma e o coração de alguém que soube amar, de alguém que soube ter fé, de alguém que jogou a última ficha na roleta do destino e o jogo parou...A luta existencial apagou as luzes da esperança, os olhos se obnubilaram e a canção do desespero continua no pulsar do coração que foi feito para amar e que só pode descansar no CORAÇÃO infinito de Deus.

N.B. A numeração das páginas dos versos citados, refere-se à obra inédita de Manoel Walter de Louzada Miranda.